

O resgate do sensível: a terapia expressiva na clínica humanista-fenomenológica

The rescue of the sensitive: expressive therapy in the humanistic-phenomenological clinic

Isadora Marques Viana¹ , Camila Pereira de Souza² ,
Rosa Angela Cortez de Brito³ 

1. Graduação em Psicologia
Universidade de Fortaleza
E-mail: isadoramarquesviana@gmail.com

3. Doutorado em Psicologia
Universidade Federal do Mato Grosso
E-mail: rosa.brito@ufmt.br

2. Doutorado em Psicologia
Universidade de Fortaleza
E-mail: camilasouza@unifor.br

Dossiê - Abordagem Centrada na Pessoa: Ciência e Profissão

Resumo:

A integração entre arte e psicoterapia pode ser uma ferramenta de promoção de saúde. A Terapia Expressiva é um método terapêutico que utiliza diversos meios criativos para facilitar a expressão do mundo interior dos indivíduos. Essa terapia enfatiza a centralidade na pessoa e em sua subjetividade, o que pode suscitar uma visão subjetivista. Encontramos na fenomenologia uma lente crítica na qual a subjetividade se constitui entrelaçada no mundo factual e intersubjetivo. Este é um trabalho teórico que objetiva compreender a terapia expressiva como possibilidade interventiva na clínica humanista-fenomenológica. É uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, de cunho teórico. Na análise, propusemos as temáticas: fundamentos da terapia expressiva na Abordagem Centrada na Pessoa; diálogo entre a teoria da terapia expressiva e a fenomenologia; possibilidades interventivas da terapia expressiva na clínica humanista-fenomenológica. Como resultados, discutimos as contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a prática da terapia expressiva. Exploramos possibilidades de aprofundamento interventivo, a partir dos recursos expressivos. Concluímos que os recursos propostos pela terapia expressiva podem ser utilizados para o aprofundamento de intervenções na clínica humanista-fenomenológica, para resgate da dimensão sensível da experiência. Sugerimos estudos clínicos para verificar essa interlocução.

Palavras-chave: Clínica humanista-fenomenológica; Terapia centrada no cliente; Terapia expressiva; Psicoterapia.

Abstract:

The integration between art and psychotherapy can be a health promotion tool. Expressive Therapy is a therapeutic method that uses various creative means to facilitate the expression of an individual's inner world. This therapy emphasizes the centrality of the person and their subjectivity and can give rise to a subjectivist view. We find in phenomenology a critical lens in which subjectivity is constituted and intertwined in the factual and intersubjective world. This is a theoretical work that aims to understand expressive therapy as an interventional possibility in the humanistic-phenomenological clinic. It is a qualitative and bibliographical research, of a theoretical nature. In the analysis, we proposed the themes: foundations of expressive therapy in the Person-Centered Approach; a dialogue between the theory of expressive therapy and phenomenology; and interventional possibilities of expressive therapy in the humanistic-phenomenological clinic. As results, we discuss the contributions of Merleau-Ponty's phenomenology to the practice of expressive therapy. We explore opportunities for deeper intervention, based on expressive resources. We conclude that the resources proposed by expressive therapy can be used to deepen interventions in the humanistic-phenomenological clinic, to rescue the sensitive dimension of the experience. We suggest clinical studies to verify this dialogue.

Palavras-chave: Humanist-phenomenological clinic; Person-centered therapy; Expressive therapy; Psychotherapy.

Introdução

A integração da arte na psicoterapia como uma ferramenta para promoção de saúde em indivíduos envolve vários elementos, sendo a criatividade um deles (Barros; Ferreira, 2016). A atividade criativa pode servir como um instrumento e a arte como um meio de promover transformações (Reis, 2014). Em um contexto clínico, é uma abordagem que desafia a percepção habitual, que se afaste da automatização e repetição, características de uma insensibilidade e distanciamento da experiência de mundo (Alvim, 2012; Reis; Alvim, 2021). O psicólogo pode se utilizar da criação artística com o cliente como uma forma de conexão, explorando novos sentidos e significados em sua experiência.

Essa perspectiva sobre arte e criatividade ganha maior relevância no mundo contemporâneo, o qual se sustenta na lógica da produtividade e da aceleração. A sociedade experimenta uma dinamização social, cultural e econômica, e, no contexto atual, o ritmo da vida diária se torna cada vez mais

acelerado (Han, 2015; Rosa, 2020). Logo, essa perspectiva pode influenciar tanto o ritmo do mundo quanto da vida individual, afetando o fluxo de experiências de cada indivíduo e as reações experienciais de tempo e espaço (Rosa, 2020). Os indivíduos se veem obrigados a estarem constantemente ocupados e em um certo tipo de automatismo, sem tempo para pausas ou reflexão, o que dificulta a atividade criativa.

Vigotski (1999) aborda a arte como um sistema de estímulos que aproxima e restitui a relação do sujeito sensível com o real. Na vida cotidiana, essa relação tende a se tornar passiva devido à influência do hábito, da rotina e da falta de experiências sensoriais significativas (Guimarães, 2000). Uma obra de arte, nesse sentido, deve ter o poder de impactar os sujeitos de forma que a lógica habitual da ação cotidiana seja quebrada, introduzindo uma sensação de estranheza provocada pela experiência do desconhecido (Souza; Dugnani; Reis, 2018).

No contexto psicoterapêutico, encontramos a Terapia Expressiva como um método que contribui para resgatar a dimensão sensível da experiência por meio da arte. Foi desenvolvida por Natalie Rogers, filha do renomado psicólogo Carl Rogers¹, juntamente com colaboradores (Lopes, 2020). Também conhecida como Conexão Criativa, a Terapia Expressiva é um desdobramento da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), a qual reforça a criação de um ambiente de diálogo que permite aos indivíduos explorarem seus potenciais. Reconhece-se a tendência inata do cliente para o crescimento (Rogers, 2010a; 2010b; 2016), de modo que seja possível promover sua autonomia e desenvolvimento pessoal por meio de condições como autenticidade, acolhimento e empatia (Amatuzzi, 2012; Silva, 2022).

¹ Para diferenciar as citações entre Natalie Rogers e seu pai, Carl Rogers foram utilizadas ao longo do texto as referências N. Rogers para a autora e C. Rogers para o segundo.

Ademais, a Terapia Expressiva integra diferentes tipos de artes expressivas, como pintura, música, dança, dramatização, escrita criativa, entre outras modalidades. O terapeuta expressivo direciona sua atenção para como o cliente está empregando esses recursos, proporcionando espaço para que se beneficie daquilo que mais estimula sua expressão criativa no momento (Tassinari, 2020).

Segundo N. Rogers (2000), seu propósito consiste em utilizar “de várias formas de arte para expressar os sentimentos 'internos' por um meio externo que facilite o crescimento e a cura” (Martínez, 2003, p.3). A proposta evidencia o foco na experiência interna do indivíduo, cindindo-a da realidade circundante. Ao enfatizar a centralidade na pessoa e em sua subjetividade, pode-se favorecer o individualismo (Moreira, 2007; Bezerra, 2021) e adotar uma visão subjetivista e descontextualizada.

Encontramos na fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty (1999) uma perspectiva crítica ancorada na compreensão do indivíduo mutuamente constituído ao mundo. É uma filosofia que, ao repor as essências na existência, pode ampliar a visão dicotômica de centramento no cliente presente na ACP (Moreira, 2009), pois, para Merleau-Ponty, a subjetividade se constitui entrelaçada ao mundo factual enquanto intersubjetividade (Merleau-Ponty, 1999; Nóbrega, 2022). Esta filosofia é a base da clínica humanista-fenomenológica, enfoque contemporâneo que surge da articulação entre a teoria e prática da psicologia humanista de Rogers e a psicopatologia fenomenológica, fundamentada pela fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty (Moreira, 2009).

Neste artigo, objetivamos compreender a Terapia Expressiva como possibilidade interventiva de resgate do sensível na clínica humanista-fenomenológica. Para tal discussão, apresentaremos a Terapia Expressiva

como intervenção clínica; promoveremos um diálogo entre a Terapia Expressiva e a fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty; investigaremos as possibilidades de atuação com artes expressivas na clínica humanista-fenomenológica.

Método

No presente artigo realizou-se um estudo teórico, que visa analisar e interpretar teorias, conceitos e ideias já existentes na literatura acadêmica sobre o tema investigado (Fonseca, 2002). Esse processo nos permitiu aprofundar discussões acerca da Terapia Expressiva e tecer possíveis diálogos com a clínica humanista-fenomenológica sob a lente da fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty.

Nesse sentido, seguimos o seguinte caminho para a análise e discussão teórica, a saber: apresentação dos fundamentos da terapia expressiva na ACP; diálogo entre a terapia expressiva e a filosofia fenomenológica, via noções de criatividade e corporeidade; possibilidades interventivas da terapia expressiva na clínica humanista-fenomenológica.

Resultados e discussões

Fundamentos da terapia expressiva na ACP

N. Rogers, criadora da Terapia Expressiva, nasceu em 1928 e seguiu os passos acadêmicos de seu pai, C. Rogers, como psicoterapeuta centrada na pessoa (Lopes, 2020). Natalie foi uma figura multifacetada, atuando como ativista, artista, feminista, psicoterapeuta, educadora e autora de diversos artigos e livros (Silva, 2022).

Em 1974, colaborou com seu pai em *workshops* da ACP. Estes foram realizados durante sete verões consecutivos em *campi* universitários nos

Estados Unidos, México e Inglaterra (Martínez, 2003; Wood, 2013). Durante esses encontros, perceberam a necessidade de ir além da verbalização, explorando a concepção de um grupo na ACP que integrasse arte e movimento. Em entrevista concedida a Sommers-Flanagan (2007), N. Rogers aborda sua experiência:

Eram grupos de encontro maravilhosos, mas... Eles não prestavam atenção ao que estava acontecendo em nossos corpos. Até então, eu havia recebido treinamento de movimento com Anna Halpern e treinamento em arteterapia com Janie Rhyne. Então, sugeri (junto com alguns colegas) que fôssemos para outra sala para explorar os mesmos problemas pessoais que as pessoas estavam verbalizando, mas usar outras formas de lidar com eles (N. Rogers, 2000, p. 122).

Diante disso, introduziram um “grupo de movimento”, incentivando expressões artísticas em um ambiente de “grupo de arte e movimento” ou “espaço-estúdio” (Lopes, 2020). Através das experiências vivenciadas nas oficinas, onde houve espaço para ações de natureza cenestésica, artística e intuitiva, N. Rogers se envolveu em um contexto de exploração que promovia abertura à experiência e uma atenta observação (Silva, 2022). Percebeu o poder da arte expressiva como uma ferramenta de transformação, tornando-se pioneira no treinamento em arte expressiva centrada na pessoa (Sommers-Flanagan, 2007).

N. Rogers fundou o Instituto de Terapia Expressiva Centrada na Pessoa; capacitou terapeutas por mais de duas décadas e ministrou aulas em programas de pós-graduação em diversas instituições nos Estados Unidos. Com intuito de compilar suas experiências e teorias, publicou duas obras: *“The Creative Connection: Expressive Arts as Healing”* e *“The Creative Connection for Groups: Person-Centered Expressive Arts for Healing and Social Change”* (O’Hara, 2016).

Em sua abordagem, N. Rogers (2000) utiliza o termo “artes expressivas” para referir-se ao uso de diversos meios externos para expressar os sentimentos internos e o mundo interior dos indivíduos. Tais formas de expressão, incluindo visuais, sonoras, movimento e escrita criativa, são consideradas “linguagens da alma e do espírito” (Martínez, 2003, p. 3), capazes de explorar profundamente as emoções humanas (Lopes, 2020).

N. Rogers (2000) discute que a atuação do terapeuta expressivo tem como fundamentos os princípios da ACP e reconhece a importância da arte no trabalho terapêutico sem a reduzir a uma ferramenta diagnóstica (Sommers-Flanagan, 2007). Em vez disso, utiliza a arte como uma forma de auto expressão e como uma linguagem sustentada na ação criativa.

Outro fundamento apontado em seus escritos é a menção à Janie Rhyne, autora de "*Gestalt Art Experience*" (N. Rogers, 1983). Rhyne (1996) explora o papel do terapeuta artístico na facilitação da comunicação por meio da expressão artística. Ela descreve a arteterapia como uma ponte entre os mundos interno e externo, incentivando a criação da própria arte visual como mensagens destinadas a si mesmos. Uma vez que o emissor e o receptor são a mesma pessoa, os próprios criadores têm a oportunidade de perceber seu conteúdo completo.

N. Rogers concebeu o papel do terapeuta expressivo, que envolve estar atento à preparação do ambiente físico e instauração de um clima facilitador. Nesse espaço seguro, indivíduos que geralmente são mais orientados à razão e à comunicação verbal têm a chance de deixar seus sentimentos emergirem de maneira construtiva e diferente (Martínez, 2003).

N. Rogers (2000) estabelece algumas condições necessárias para se alcançar esses objetivos, incluindo a conscientização dos sentimentos por parte do cliente, a conexão com o próprio corpo, o reconhecimento de que

todas as sugestões interventivas são opcionais, a possibilidade de participar ativamente como um observador, e a prática de observação sem julgamentos (Lopes, 2020).

No I Fórum Internacional da ACP, N. Rogers apresentou um trabalho no qual discutiu cada modalidade terapêutica. Debruçou-se sobre as artes visuais, o movimento, a música, a escrita e a improvisação, o que possibilitou uma compreensão teórica mais aprofundada dos potenciais terapêuticos dessas ferramentas. Para N. Rogers (1983), o terapeuta expressivo pode atuar na facilitação da liberação da energia criativa dos indivíduos, mediante um processo de re-experienciação, para superação de inibições e medos.

A autora ressalta ainda que os corpos são veículos contínuos de expressão do mundo interno. Apesar dessa capacidade, a maioria das pessoas tende a 'congelar' quando solicitada a expressar seus sentimentos por meio de movimentos, destacando a influência da cultura na presença de uma mecanicidade da existência (N. Rogers, 1983; 2000).

Na terapia do movimento, o foco não está na automatização do corpo, mas sim na realização consciente dos gestos, com uma atenção particular aos sentimentos que surgem durante a realização dos movimentos (Silva, 2022). A ênfase dada aos sentimentos que emergem é o ponto de partida para a intervenção da resposta-reflexa (C. Rogers, 2010a), a qual tem em vista criar uma comunicação genuína que expresse a compreensão compartilhada na relação terapêutica (Holanda, 2009).

Segundo C. Rogers (2010a), a resposta-reflexa ao sentimento envolve a compreensão empática do terapeuta, que deve se aproximar da experiência do cliente como se fosse ele. Ao adotar essa atitude, o terapeuta demonstra acolhimento ao cliente em seu processo de autoexploração. Essa atitude, na terapia expressiva, facilita a conexão corporal do cliente, ao

mesmo tempo em que permite ao terapeuta trabalhar de forma não-verbal o que está implícito.

Embora reconheça ter menos experiência em música e som como possibilidades terapêuticas, N. Rogers (1983) aponta potencialidades desses elementos para a Terapia Expressiva. Incentivou os clientes a utilizarem instrumentos musicais disponíveis ou suas próprias vozes para a criação de uma atmosfera de apoio mútuo (Lopes, 2020). Além disso, utilizava músicas como pano de fundo em das atividades de movimento (N. Rogers, 1983).

Já em relação ao potencial terapêutico da escrita, Natalie o explorou em um *workshop* visando ao aprimoramento das habilidades no Ensino Centrado na Pessoa. Ela verificou como a prática da escrita livre pode ser transformadora. Os participantes descreveram a experiência da escrita livre como única e surpreendente, proporcionando uma oportunidade significativa de conexão consigo mesmos. A escrita livre não se limitava a revelar os pensamentos, mas também seu ritmo, as palavras escolhidas e até mesmo como são expressas, o que possibilitou uma libertação de conteúdos bloqueados pela linguagem convencional. Essa prática permitiu às pessoas encontrar sua própria voz e se expressarem de maneira autêntica (N. Rogers, 1983; Purswell; Stulmaker, 2015).

Por fim, N. Rogers (1983) explorou as improvisações na Terapia Expressiva. Com esse recurso, os participantes eram incentivados a assumir diferentes papéis e personalidades, utilizando adereços disponíveis para se vestirem e agirem de acordo com o personagem dramatizado (Silva, 2022).

Para N. Rogers (1983), a união das artes expressivas com a ACP seria um avanço natural da abordagem, pois a expressividade possibilitada pelas artes se articula às atitudes facilitadoras para o aprofundamento das

intervenções clínicas. C. Rogers (2016) destaca três atitudes fundamentais, a saber: autenticidade, consideração positiva incondicional e empatia.

Autenticidade refere-se a atitude de o terapeuta ser genuíno nos limites da relação terapêutica. É necessário que esteja presente integralmente e seja ele mesmo, com sua experiência pessoal refletida de maneira precisa em sua consciência (Bowen, 2004; C. Rogers, 2010b). Na Terapia Expressiva, a autenticidade contribui para o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda de si mesmo, que emerge de dentro para fora, em vez de ser construída externamente (Prasath; Copeland, 2021).

Já a consideração positiva incondicional significa a valorização do que o cliente é, integralmente. Para Malchiodi (2022), é essencial que o cliente compreenda que sua expressão criativa não precisa atender a critérios estéticos exteriores. Isso promove um ambiente livre de julgamentos e contribui com uma intervenção do processo criativo que incentiva a expressão de sentimentos e a autonomia do cliente.

Por fim, a compreensão empática é definida por C. Rogers (2016) como o acesso ao mundo perceptual do cliente, para reconhecer seus significados, transmiti-los ao cliente para que este os examine. N. Rogers (1983) descreve que, para ser uma ouvinte empática na Terapia Expressiva, deve-se ouvir as palavras de seus participantes da mesma forma que se ouve uma música, buscando encontrar seu sentido interior.

Tanto C. Rogers quanto N. Rogers destacaram a importância dessas condições, às vezes referidas como “atitudes” ou “formas de ser” com o cliente para desenvolver confiança, segurança e promover o crescimento terapêutico (Malchiodi, 2022). Essa concepção visa proporcionar ao cliente uma compreensão crescente de seus conflitos e contribuir para uma integração mais completa de sua personalidade (Rogers, 1992).

Criatividade e corporeidade na terapia expressiva: diálogos com a filosofia fenomenológica

Uma vez que N. Rogers (2000) considera a criatividade como algo inato a todo ser humano, propõe caminhos para o seu exercício, que podem ser ampliados por meio de diferentes expressões artísticas, principalmente as corporais. Essa perspectiva é respaldada por C. Rogers (1959; 1980), que discutiu que a ampliação do potencial criativo é um dos resultados da terapia centrada no cliente (N. Rogers *et al.*, 2012).

C. Rogers (2016) definiu o processo criativo como "a emergência em ação de um produto relacional novo, decorrente da singularidade do indivíduo por um lado, e dos materiais, eventos, pessoas ou circunstâncias de sua vida por outro" (p. 350). Ou seja, a criatividade manifesta na pintura de um quadro, na composição de uma sinfonia ou na formação de novos aspectos da personalidade em psicoterapia se constituem a partir dos mesmos fundamentos. Essa visão dialoga com a prática da Terapia Expressiva, uma vez que os participantes são encorajados a explorar diferentes formas de arte sem hierarquia de valor entre elas.

C. Rogers (2016) sugere que é possível distinguir entre a criatividade construtiva e a destrutiva, como resultado do grau de abertura do indivíduo à sua própria experiência. Apresenta três condições associadas às potencialidades construtivas do ato criador. A primeira é a capacidade de abertura à experiência, ou extensionalidade. Essa condição, essencial à Terapia Expressiva, refere-se à capacidade do indivíduo de estar aberto para vivências, com menor rigidez e maior tolerância à ambiguidade.

A segunda é ter um *locus* de avaliação interna da sua produção, criando um valor pessoal para o trabalho (C. Rogers, 2016; Bettencourt,

2014), pois os meios de expressão “são linguagens da alma e do espírito que podem ser aproveitadas para explorar o campo das emoções” (Martínez, 2003, p. 3). As expressões artísticas não são julgadas ou avaliadas esteticamente em seu resultado (Martínez, 2003).

A terceira condição é a capacidade de lidar com recursos e elementos com potenciais criativos de forma exploratória e significativa (C. Rogers, 2016). A criatividade não surge apenas ao pensar sobre ela, pois requer participação corporal (Martínez, 2003). Há o reconhecimento da importância do corpo no processo criativo, em que este não é apenas um instrumento sensorial, mas um veículo ativo de expressão.

Embora N. Rogers adote uma abordagem holística, como evidenciado nos seus escritos (1983; 2000) - quando aborda não haver separação entre o material, o instrumento e a ideia, pois todos estariam unificados no corpo em movimento - ainda verificamos uma perspectiva dualista. Isso se revela quando a autora enfatiza que o corpo é um meio pelo qual o indivíduo manifesta seu mundo interior e expressa sua subjetividade para o mundo exterior (N. Rogers, 1983).

Compreendemos que a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) pode contribuir para a superação do viés dicotômico presente na Terapia Expressiva, pois revela que sujeito e mundo estão entrelaçados de tal forma que não podem ser separados. Merleau-Ponty (1999) destaca o corpo como o mediador de nossas experiências e compreende que a expressividade está ancorada numa estrutura corpo-mundo-outro (Merleau-Ponty, 1999). A corporeidade acontece numa relação entre espaço, hábito, motricidade, sexualidade e linguagem, como via expressiva (Alvim, 2014). Fala-se de um corpo próprio, que é vivido e vivente nas relações, com uma historicidade, mais do que apenas como um corpo que se move no espaço (Dentz, 2008).

O corpo, como princípio estruturador do espaço e núcleo do encontro entre a pessoa e o mundo, realiza uma síntese de transição ou horizonte na percepção, como um campo prático-perceptivo e temporal, que confere à existência um sentido de possibilidade (Merleau-Ponty, 1999; Alvim, 2014). Sua compreensão não é estática, mas dinâmica e sujeita a mudanças, conforme o seu vivido e o seu vir-a-ser.

Merleau-Ponty (1999) compreende que a corporeidade pode ser vivida como corpo sujeito e como corpo objeto; o primeiro é o corpo que somos; o corpo que carrega as experiências sensíveis. O segundo, é a representação do corpo como coisa ou instrumento, que possibilita o contato com o outro (Souza; Bloc; Moreira, 2020). São experiências que coexistem e são complementares, o que permite uma percepção da totalidade corporal como corpo vivido.

A partir desta noção, o corpo vivido é compreendido em uma condição de constante tensão dialética, pois não se limita a ser apenas um objeto físico, mas é ativamente envolvido com o mundo por meio da noção de intencionalidade corporal (Alvim; Castro, 2015; Franco; Santos; Caminha, 2020). Em outras palavras, há uma abertura ao mundo ao passo em que o corpo transcende sua própria existência. Segundo Geromini (2021), o sujeito se projeta no mundo, assim como este se projeta no sujeito. O corpo se torna uma expressão da interação contínua com o mundo e adquire uma historicidade. Merleau Ponty (1999) sugere que o “homem é o sentido oculto ou revelado neste seu modo de ser-presença-a..., ou seja, subjetividade como corporeidade” (p. 2). Aqui a fenomenologia não se limita ao indivíduo isolado, mas se estabelece como uma intersubjetividade.

Nesse sentido, Rolnik (2015), aborda a dimensão corpórea sensível essencial para os movimentos de produção de subjetividades, afirmando

que a expansão da vida ocorre através da produção de novas formas de existência (Alvim, 2018). É na dimensão sensível da experiência, que se encontra um fluxo criativo, transformador e potencializador de contato com o mundo e consigo.

O corpo também pode ser apreendido por meio do gesto, este que produz significados e sentidos distintos para quem o emite. Cada expressão está vinculada ao seu mundo, cultura e história, sendo impossível haver dois significados idênticos em um mesmo gesto, a menos que desconsideremos as nuances que os compõem (Merleau-Ponty, 2004; Telles; Moreira, 2014). Essa lente fenomenológica fornece uma base sólida que aprofunda a prática terapêutica.

N. Rogers et al. (2012) afirma que os terapeutas centrados na pessoa trabalham para auxiliar os clientes a se tornarem mais abertos a novas experiências, pois a rigidez é vista como o oposto da saúde psicológica e prejudica o processo de aprendizagem (Sommers-Flanagan, 2007). Complementa sugerindo que a criatividade não é despertada pelo pensamento, mas sim pela participação ativa no processo criativo (Martínez, 2003).

Esse aspecto se assemelha à fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty (1999), na qual o gesto pode ser considerado uma fonte primária de expressão, caracterizada por sua imediaticidade, espontaneidade e criatividade, antecedendo a racionalização e refletindo a relação corporal com o outro (Souza; Moreira, 2019). O gesto não é uma forma separada de outras formas de expressão, pois ambos fazem parte da unidade indissociável do corpo próprio. Destacamos que "é a sensibilização do corpo que pode ativar o caráter experimental de criação da existência, restituir o fluxo de criação de novas formas, ativar o processo de produção de novos

sentidos” (Reis; Alvim, 2021, p.7). É possível que, através do gesto espontâneo, fundamento da dimensão sensível da experiência, novos sentidos e outras inteligibilidades possam se produzir no contexto clínico. Desse modo, compreendemos que o diálogo empreendido entre a proposta de N. Rogers e a filosofia de Merleau-Ponty como uma possibilidade de desenvolvimento interventivo da clínica humanista-fenomenológica.

A Terapia Expressiva como recurso na clínica humanista-fenomenológica

Na clínica humanista-fenomenológica compreendemos o ser humano em seu entrelaçamento ambíguo com mundo, que o constitui por meio de múltiplos contornos tais como aspectos biológicos, sociais, culturais, políticos, existenciais, dentre outros. Essa visão transcende o dualismo ocidental e rompe dicotomias tais como corpo-alma, individual-social, interior-exterior (Moreira, 2009), por ser uma lente crítica que contempla uma prática clínica em profundo diálogo com o mundo contemporâneo (Reis; Alvim, 2021).

Cada expressão manifesta no atendimento está vinculada ao mundo, à cultura e à história (Telles; Moreira, 2014; Brito; Moreira, 2021). A conexão com o outro é vivenciada no corpo próprio, conferindo significado por meio da reciprocidade da comunicação, realçada na prática clínica (Souza; Moreira, 2019).

Revisitamos nesse artigo a clínica humanista-fenomenológica pela via da Terapia Expressiva para contribuirmos com as intervenções da clínica humanista-fenomenológica como complemento metodológico. As intervenções fenomenológicas, a saber, a descrição, o enquadre, a redução fenomenológica, a intuição eidética, a fala autêntica e o ver e ouvir

fenomenológicos (Moreira, 2009) podem ser enriquecidos, a partir de recursos expressivos ampliadores da linguagem.

Discutimos aqui como as intervenções fenomenológicas podem se beneficiar do uso de recursos expressivos. Isso foi verificado e discutido inicialmente por meio de estudos de casos com crianças (Brito, 2020; Brito; Moreira, 2021). Contudo, entendemos que esses recursos também podem ser amplamente utilizados na clínica com outros públicos.

A descrição envolve o convite do clínico para um permanente e detalhado trabalho descritivo das vivências, emoções e eventos de vida do cliente, tal como se apresentam na imediaticidade do encontro. Ela deve ser exaustiva, por visar à compreensão da experiência vivida do cliente (Moreira, 2009; Fontgalland; Moreira; Melo, 2018). A descrição pode acontecer para além do relato verbal, mas também por meio de expressões corporais (como a dança), da expressão no papel ou tela (como desenhos, escritos, entre outros) e demais produções (feitas com massinha de modelar, argila, entre outros materiais) (Brito; Moreira, 2021).

O enquadre diz respeito ao estabelecimento das condições objetivas que possibilitam que o vivido do cliente possa se manifestar com maior segurança, tais como o sigilo terapêutico ou a duração da sessão (Moreira, 2009). Esse trabalho, inspirado pela terapia expressiva, convida o clínico a uma abertura à espontaneidade. Como os clientes demandam a apresentação desses aspectos de maneiras particulares, o clínico é convocado a ser criativo no uso dos recursos. Por exemplo, em Brito (2020) encontramos o uso de livros didáticos ou de materiais lúdicos como formas de trabalhar dados concretos constituintes do processo terapêutico.

A redução fenomenológica pode ser compreendida como uma suspensão das concepções, pré-julgamentos, conteúdos pessoais e teóricos

do terapeuta para que ele possa compreender o mundo vivido do cliente (Correia; Moreira, 2016). O uso da expressividade artística pode ser visto como forma particular e, ao mesmo tempo, conectada a uma rede mais ampla de significados. Assim, é um retorno à experiência imediata, emergindo como um meio para compreender a singularidade da experiência de cada indivíduo (Souza, 2013; 2020).

No que concerne a intuição eidética como intervenção humanista-fenomenológica, diz-se da atitude clínica de interseção entre o universal e o singular (Fontgalland; Moreira; Melo, 2018). Compreende-se que a arte como recurso expressivo pode ser uma fecunda possibilidade de acesso à experiência vivida em sua totalidade. Mais do que um aspecto 'interno' dos sentimentos, os significados das criações artísticas podem ser compreendidos envolvendo a práxis corporal e a imediaticidade da experiência. Um corpo que reflete não apenas a história e a cultura, mas também institui novos significados e se constitui pela intercorporeidade (Alvim, 2018; Reis; Alvim, 2021).

A fala autêntica é um convite do terapeuta para facilitar o aparecimento de falas espontâneas, anteriores à reflexão. Quando elas ocorrem, abre-se a possibilidade para novas significações (Moreira, 2009). As falas autênticas podem emergir no processo de criação por meio de recursos expressivos diversos, o que permite um maior contato com a experiência sensível (Reis; Alvim, 2021, p. 7).

A essa abertura vivida no ato da criação, é possível acontecer o ver e ouvir fenomenológicos, atitude interventiva que busca 'ver o invisível' e 'ouvir o inaudível' vivenciado no processo psicoterapêutico (Moreira, 2009; Brito; Moreira, 2021). Para que algo possa ser visível, na perspectiva fenomenológica, existe um fundo invisível sustentador do surgimento do

visível (Merleau-Ponty, 2000). Os gestos e as expressões corporais, acessíveis à nossa percepção, são interdependentes e interligadas a uma dimensão invisível, mas constituinte (Reis; Alvim, 2021).

Essa perspectiva reconhece o corpo como a sede da experiência vivida e que nos convida a um acesso para além dos sentidos. Ao ver um gesto ou um desenho produzido pelo cliente, ao ouvir a sua descrição sobre ele, o invisível pode emergir pela imersão do psicoterapeuta no visível, como uma empatia cinestésica que o permite compreender a experiência do cliente e facilitar seu processo de mudança.

Considerações Finais/Conclusões

Em um contexto marcado pela aceleração e pela escassez de espaço para a espontaneidade criativa, destacamos que a clínica humanista-fenomenológica pode ser ampliada por meio do uso do método da Terapia Expressiva. Esse desenvolvimento se dá pela exploração de diferentes vias de linguagem verbal e não-verbal entre o clínico e o cliente.

Ressaltamos que a arte convoca a produção pela corporeidade, permitindo a ressignificação da existência. Desse modo, a Terapia Expressiva pode contribuir para criar um ambiente seguro na clínica humanista-fenomenológica na qual o cliente possa explorar seus sentimentos e percepções por meio de desenhos, músicas, pinturas, escrita expressiva, dentre outros.

Por meio da fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty, propomos um caminho para compreender a dimensão sensível da experiência vivida com base na corporeidade. Esta concepção possibilita uma compreensão dialética e dinâmica do corpo como parte de uma relação contínua entre o sujeito e o mundo, os quais não podem ser vistos como entidades separadas.

No decorrer do texto em tela, ratifica-se a importância das atitudes facilitadoras de C. Rogers, bem como são exploradas possibilidades para o aprofundamento das intervenções fenomenológicas pelo uso da expressão artística discutida por N. Rogers. Isso abre possibilidades para novos estudos, sobretudo clínicos, que verifiquem a interlocução entre a terapia expressiva e a clínica humanista-fenomenológica como possibilidade de ampliação interventiva e metodológica.

Destacamos a importância de reconhecer a dimensão terapêutica da expressão artística e seu uso na psicoterapia como aprofundamento da linguagem estabelecida entre o psicoterapeuta e cliente. A exploração das possibilidades de integração da expressão artística na prática clínica humanista-fenomenológica, discutida nesse artigo, legitima a importância de uma escuta que acesse a integralidade da experiência humana e busque superar formas rígidas e automatizadas de existência.

Esse movimento abre caminhos para ampliar os horizontes perceptivos e integrar não apenas os sentimentos, mas também incorporar perspectivas culturais, sociais e históricas que são parte integrante do indivíduo. A clínica humanista-fenomenológica, apoiada pelo método da Terapia Expressiva, questiona estruturas existentes por meio de uma prática terapêutica sustentada na presentificação da experiência vivida, a ser expressa por variadas formas de linguagem.

Referências

ALVIM, M. B. A clínica como poética. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, 2012, p. 1007-1023.

ALVIM, M. B. **A Poética da experiência**: gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. 344 p.

ALVIM, M. B. Id da situação como solo comum da experiência. In: ROBINE, J. (org.). **Self: uma polifonia de gestalt-terapeutas contemporâneos**. São Paulo: Escuta, 2018. p. 345-353.

ALVIM, M. B.; CASTRO, F. G. O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J-P. Sartre e M. Merleau-Ponty. In: ALVIM, M. B.; CASTRO, F. G. (org.). **Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 15-47.

AMATUZZI, M. M. **Rogers: ética humanista e psicoterapia**. Campinas: Alínea, 2012.

BARROS, M.; FERREIRA, L. A arte como estratégia de intervenção psicoterapêutica. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 2, n. supl. 1, p. 1-4, 2016. Disponível em: <https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/52>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BETTENCOURT, K. Rogers and Csikszentmihalyi on creativity. **The Person Centered Journal**, v. 21, n. 1-2, p. 21-33, 2014.

BEZERRA, E. N. **Uma compreensão hermenêutico-filosófica da noção de abordagem centrada na pessoa**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

BOWEN, M. C. V. B. Psicoterapia: o processo, o terapeuta, a aprendizagem. In: SANTOS, A.M.; ROGERS, C. R.; BOWEN, M. C. V. B. **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. São Paulo: Vetor, 2004, p. 69-81.

BRITO, R. A. C. **A psicoterapia com crianças na clínica humanista-fenomenológica**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/9575/Resultado/Listar?guid=1719764050253>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRITO, R. A. C.; MOREIRA, V. Psicoterapia Humanista-Fenomenológica com Emanuel: um estudo de caso. In: DUTRA, E.; CURY, V. E. **Pesquisas Fenomenológicas em Psicologia**. Curitiba: CRV, 2021, p. 69-92.

CORREIA, K. C. R.; MOREIRA, V. A experiência vivida por psicoterapeutas e clientes em psicoterapia de grupo na clínica humanista-fenomenológica: uma pesquisa fenomenológica. **Psicologia USP**, v. 27, n. 3, p. 531-541, 2016.

DENTZ, R. A. Corporeidade e Subjetividade em Merleau-Ponty. **Intuitio**, v. 1, n. 2, p. 296-307, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4238>. Acesso em: 20 mar. 2024.

FRANCO, M. A.; SANTOS, L. A. M.; CAMINHA, I. de O. Subjetividade, Corpo e Intercorporeidade a partir da Fenomenologia de Merleau-Ponty. **HOLOS**, v. 8, 2020, p. 1-13. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/9620>. Acesso em: 6 mar. 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTGALLAND, R. C.; MOREIRA, V.; MELO, C. DE F. A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1, p. 5-20, 2018.

GEROMINI, J. C. D. Uma reflexão sobre a fenomenologia da experiência estética: o caso do teatro. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 242-251, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672021000200011. Acesso em: 25 out. 2023.

GUIMARÃES, M. L. A psicologia da arte e os fundamentos da teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano. **Interações**, São Paulo, v. 5, ed. 9, 2000, p. 73-81. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35450906.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

HAN, B. C. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOLANDA, A. F. A perspectiva de Carl Rogers acerca da resposta reflexa. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2009, p. 40-59. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 set. 2023.

LOPES, R. A. N. **A terapia expressiva centrada na pessoa:** utilização e limites no contexto brasileiro. 2020. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18059?locale=pt_BR. Acesso em: 1 mar. 2024.

MALCHIODI, C. A. (Ed.). **Handbook of expressive arts therapy.** New York: Guilford Publications, 2022.

MARTÍNEZ, L. G. Las artes expresivas centradas en la persona: un sendero alternativo en la orientación y la educación. Entrevista a Natalie Rogers. **REDIE. Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 5, n. 2, p. 94-104, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MOREIRA, V. **Clínica humanista-fenomenológica:** estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica. São Paulo: Annablume, 2009.

MOREIRA, V. **De Carl Rogers a Merleau-Ponty.** São Paulo: Annablume, 2007.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidades:** inspirações merleau-pontianas. Natal: IFRN, 2022.

RHYNE, J. **The gestalt art experience:** Patterns that connect. Chicago: Magnolia Street Publishers, 1996.

O'HARA, M. Natalie Rogers: Artist, Healer, Activist—1927-2015. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 56, n. 5, 2016, p. 561-566.

PRASATH, P. R.; COPELAND, L. Rationale and benefits of using play therapy and expressive art techniques in supervision. In: AUTORES. **Techniques and interventions for play therapy and clinical supervision.** Hershey: IGI Global, 2021, p. 17-37.

PURSWELL, K. E.; STULMAKER, H. L. Expressive arts in supervision: Choosing developmentally appropriate interventions. **International Journal of Play Therapy**, v. 24, n. 2, 2015, p. 103-117.

REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014.

REIS, A. V.; ALVIM, M. B. Pequenos exercícios experimentais da liberdade: articulações entre arte, clínica e política. **Rev. Subj.** Fortaleza, v. 21, n. spe., p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9459>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ROGERS, C. A equação do processo da psicoterapia. In: WOOD, J. K. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: EDUFES, 2010a. p. 95-122.

ROGERS, C. As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade. In: WOOD, J. K. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: EDUFES, 2010b. p. 143-162.

ROGERS, C. **Terapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ROGERS, C. A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships: as developed in the client-centered framework. In: KOCH, S. (Ed.). **Psychology: a study of a science. formulations of the person and the social context**, 1959. p. 184-256.

ROGERS, C. **A way of being**. Boston: Houghton Mifflin, 1980.

ROGERS, N. **The creative connection: expressive arts as healing**. UK: PCCS Books, 2000.

ROGERS, N. A conexão criativa. In: FÓRUM INTERNACIONAL DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA, 1., 1983, Oaxtepec. **Anais** [...]. Oaxtepec: [s. n.], 1983.

ROGERS, N.; TUDOR, K; TUDOR, L. E.; KEEMAR, K. Person-centered expressive arts therapy: A theoretical encounter. **Person-Centered & Experiential Psychotherapies**, v. 11, n. 1, p. 31-47, 2012. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14779757.2012.656407>.
Acesso em: 5 mar. 2024.

ROLNIK, S. Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 26, 2015, p. 104-112.

ROSA, H. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

SILVA, R. S. M. R DA. **Arte Expressiva na Escola e o Desenvolvimento do Autoconceito à Luz da Teoria Rogeriana**. 2022. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/5381>. Acesso em: 1 mar. 2024.

SOMMERS-FLANAGAN, J. The development and evolution of person-centered expressive art therapy: a conversation with Natalie Rogers. **Journal of Counseling & Development**, v. 85, n. 1, p. 120-125, 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/j.1556-6678.2007.tb00454.x>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SOUZA, C. P. DE; BLOC, L. G.; MOREIRA, V. Corpo, tempo, espaço e outro como condições de possibilidade do vivido (psico)patológico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. esp., p. 1253-1272, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020120000014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 abr. 2024.

SOUZA, C. P. **Da depressão à depressividade**: diálogos com a psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian. 2013. Fortaleza. Disponível em: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/9575/acervo/detalhe/100296>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SOUZA, C. P. **Fenomenologia clínica do tempo vivido na ansiedade**. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/9575/acervo/detalhe/125009>. Acesso em: 8 mai. 2024.

SOUZA, C. P. DE; MOREIRA, V. A intersubjetividade do gesto como expressão da corporeidade em psicoterapia. In: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, B. (org.). **O gesto fenomenológico: corpo, afeto e discurso na clínica**. Rio de Janeiro: IFEN, 2019. p. 187-206.

SOUZA, V. L. T.; DUGNANI, L. A. C.; REIS, E. C. G. Psicologia da arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 35, n. 4, 2018, p. 375–388.

TASSINARI, M. A. A utilização de recursos expressivos em psicoterapia, a criatividade e ampliação da consciência. In: PINTO, M. A. S. **Abordagem centrada na pessoa e algumas de suas possibilidades**. São Paulo: All Print Editora, 2020, p. 63-71.

TELLES, T. C. B.; MOREIRA, V. A lente da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicopatologia cultural. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 205–212, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WOOD, J. K. **Sete verões entre pessoas: diário de bordo sobre a abordagem centrada na pessoa em grandes grupos**. São Paulo: Via Lettera, 2013.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesse

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: *IMV, CPS*

Redação do manuscrito original: *IMV, CPS, RACB*

Curadoria de dados: *IMV*

Análise de dados: *IMV, CPS, RACB*

Redação textual: *IMV, CPS, RACB*

Supervisão: *CPS*

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
